



ID: 51550336

30-12-2013

Palco

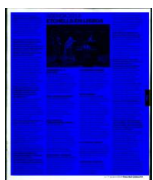
palco@timeout.pt

Um ano inteiro a provocar

No ano em que se comemora o 30º aniversário dos seus Forced Entertainment, Lisboa recebe o autor inglês Tim Etchells como Artista na Cidade. **Gonçalo Frota** ouviu e **Gonçalo F. Santos** fotografou um dos nomes mais criativos do teatro contemporâneo.



Já se imaginou a assistir a peças de seis horas?
Tim Etchells já



Desde que fundou os Forced Entertainment, em Sheffield, em 1984, Tim Etchells foi reforçando o timbre único da sua voz no teatro europeu, repensando o lugar do texto dramático mas também o papel do público. Depois da coreógrafa Anne Teresa de Keersmaeker, Lisboa recebe-o este ano na bienal Artista na Cidade.

Na sua apresentação citou Baudelaire quando ele dizia que a criança perante o brinquedo pensa apenas como destruí-lo. Essa ideia aplicada ao teatro esteve presente desde a fundação dos Forced Entertainment (FE)?

Superficialmente, estaria lá desde o início, na rejeição de algumas formas pré-existentes de fazer ou pensar o teatro. Mas enquanto perceção isso veio mais tarde. Com essa constatação veio a ideia de que aquilo que estávamos a fazer era, de certa maneira, tentar remontar as possibilidades de teatro e performances. Nesse momento tornou-se claro que talvez houvesse um gesto de partir tudo para poder rearranjar as peças de maneiras diferentes. **É isso que dá forma à vossa linguagem teatral ou, pelo contrário, tentam evitar estabelecer um discurso reconhecível?**

Não tenho dúvidas de que ao longo dos anos as coisas cresceram e alguns aspectos tornaram-se elementos de uma linguagem, estratégias, formas de trabalhar e pensar que são recorrentes. Há um processo constante de acumulação e reutilização. Não tenho a ilusão de que é sempre tudo novo. Nem sequer gostaria disso.

Mas sente essa expectativa de fazer sempre algo novo?

Não penso muito no assunto. Com alguns projectos sei que estou a tropeçar nisso, mas noutros estou a trabalhar com um conjunto de ferramentas que desenvolvi anteriormente. Nos projectos, com a companhia ou independentes, em que me deparei com uma forma diferente de trabalhar isso aconteceu habitualmente por acidente. Podemos ter, de cada vez, a ambição de mudar o mundo mas não é algo que possamos controlar.

Isso também implica um método que integra o falhanço, desde que haja essa consciência e a capacidade de ele ser usado como ferramenta?

Penso que sim. Talvez haja artistas que colocam tudo no papel e passam para o palco exactamente o planeado. Para mim a experiência é muito mais de tentar muitas coisas

AGENDA 2014 ETCHELLS EM LISBOA



FOTO: J. B. ENCHING

TOMORROW'S PARTIES

9 A 11 DE JANEIRO

A residência de Tim Etchells em Lisboa inicia-se já no dia 9, no Teatro Maria Matos, com uma das últimas criações dos Forced Entertainment (FE). *Tomorrow's Parties* é uma peça para dois actores e uma catrefada de hipotéticos cenários futuros.

THE COMING STORM

19 A 21 DE MARÇO

Exemplo perfeito do caos narrativo que se pode instalar durante um espectáculo dos FE, *The Coming Storm* juntará na Culturgest discursos desconexos num acto continuado de sabotagem teatral. Vale tudo.

AND ON THE THOUSANDTH NIGHT...

22 DE MARÇO

Uma das ambiciosas peças em que os FE convidam os espectadores a assistir e a deixar a cadeira quando quiserem, podendo voltar se lhes apetecer. São seis horas de espectáculo na Culturgest em que actores vestidos de reis e rainhas disputam o controlo sobre uma história que pode socorrer-se de todas as histórias jamais inventadas.

ELECTRIC WORDS

22 DE MAIO A 8 DE JUNHO

Uma série de frases em néon e LED com que Tim Etchells se propõe interferir no palco público que serão as ruas de Lisboa. É estar atento para descobrir os letreiros em telhados e esquinas.

COMPANHIA MAIOR

24 A 27 DE OUTUBRO

Todos os anos o grupo sénior da Companhia Maior convida um autor a escrever um texto original. Em 2014, será a vez de Etchells – em colaboração com o encenador Jorge Andrade – assumir o desafio, que será apresentado no CCB.

REAL MAGIC

8 A 16 DE NOVEMBRO

Com uma programação dividida entre o Maria Matos e o São Luiz, a residência terminará oficialmente com um festival dedicado à carreira de Etchells, em que se incluirá uma versão de *Quizoola!* por um elenco lisboeta ou a recuperação de duas obras emblemáticas – *Dirty Work* e *Sight Is the Sense that Dying People Tend to Lose First*. No âmbito do Temps d'Images assistir-se-á a *Void Story*, estando igualmente previstas a apresentação do *think tank The Institute of Failure* e a estreia no Maria Matos da nova criação dos FE, *The Notebook*, baseada num livro da escritora Ágota Kristóf.

CITYBOOK LISBOA

A convite do Alkantara, Etchells escreverá um texto sobre Lisboa a incluir num livro partilhado entre escritores e fotógrafos, enquanto parte da série Citybook, que se propõe reflectir e retratar várias cidades do mundo.

LISBON BY SOUND

Em colaboração com quatro artistas de Lisboa, Etchells desenvolverá um conjunto de produções sonoras e curtas-metragens.

diferentes e finalmente encontrar uma articulação que funcione. Temos uma piada nos FE: durante a fase de ensaios tentamos todas as más ideias, uma a seguir à outra, até que finalmente encaixamos naquela que nos permitirá construir algo.

Este tipo de residência em Lisboa permite reavaliar e até reescrever a história dos FE?

Qualquer oportunidade de juntar peças em combinações diferentes é interessante e ter uma oportunidade tão extensa, num mesmo sítio, para apresentar uma tal abrangência de obras é único como oportunidade para olhar todo este corpo teatral e perguntar-me o que temos ali.

No livro *Certain Fragments* (1999) identificava dois temas nucleares na obra da companhia: fragmentação e amor. Isso ainda é válido?

A fragmentação continua a ser uma parte muito importante daquilo em que trabalho. Mas agora diria que aquilo que atravessa a minha obra é um certo fascínio com o processo de encontro e troca entre espectador e performer, observador e objecto, leitor e texto. Outra coisa que é muito forte é a linguagem. É uma preocupação sobre como a linguagem nos aprisiona ou nos abre as portas, como funciona e quais são as suas possibilidades. **Isso soa muito beckettiano.**

A ligação com a linguagem estava lá desde o início, mas tinha vergonha de admiti-lo ou não era capaz de articulá-lo. Isso tornou-se claro nos últimos dez anos em projectos como *Quizoola!* É muito diferente, mas vejo a ligação com a espantosa obra de Beckett.

Prefere falar de testemunhas e não de público. As *durational* [peças longas] são um meio de contrariar o papel convencional do público no teatro?

Sim, porque o contrato que se tem com a performance teatral de hora e meia ou duas horas é muito particular e faz exigências específicas ao público e aos actores. Adoro trabalhar dentro dessa forma, que é fascinante, mas a beleza das peças longas é que muito disso desaparece, especialmente quando dizemos que o público pode chegar, ir embora e voltar quando quiser. Abandonamos o controlo sobre a forma dramática que formata a maioria do teatro e do cinema e até a televisão. Acho que isso nos liberta, mas também liberta o público. Por ninguém estar obrigado a ficar, há quem fique mesmo as seis horas do espectáculo.

